

RESUMO SIMPLES - INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E SAÚDE DIGITAL NA ASSISTÊNCIA

O USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA SAÚDE MENTAL: RISCOS E BENEFÍCIOS SOB A ÓTICA DA SEGURANÇA DO PACIENTE

Thayná Lopes Nunes (thayna030338@ceuma.com.br)

Karen Kelly Campelo Guia (karenkelly9737@gmail.com)

Lia Raquel Sales Menezes (liaraquelsalesmenezes@gmail.com)

Fábio Willian Muniz Silva (mffabiowil098@gmail.com)

João Guilherme De Souza Cunha (jg14cunha@gmail.com)

Antonio Sérgio Lima Carvalho Filho (antonio043886@gmail.com)

Ana Patrícia Fonseca Coelho Galvão (apfcoelho@gmail.com)

Introdução: A Inteligência Artificial (IA) tem potencializado a predição de eventos adversos na psiquiatria de precisão, ampliando as possibilidades de monitoramento clínico, identificação precoce de riscos e suporte à tomada de decisão; contudo, sua integração exige uma análise rigorosa dos riscos éticos, das limitações tecnológicas e das vulnerabilidades assistenciais envolvidas. **Objetivo:** Analisar o impacto da incorporação de ferramentas de IA na segurança do paciente em saúde mental e na governança de dados

institucionais, considerando implicações clínicas, éticas e operacionais. Metodologia: Revisão integrativa da literatura norteada pela estratégia PICO e a coleta de dados foi realizada em abril de 2026 nas bases PubMed, IEEE Xplore e VHL (BVS), utilizando as ferramentas Consensus e Perplexity para a busca de evidências (período 2021-2026). De um universo inicial de 184 registros, foram selecionados 15 artigos para a síntese final. A análise foi estruturada em quatro eixos: reconhecimento de vieses algorítmicos, integridade da privacidade, estratégias de governança e acurácia preditiva. A pesquisa seguiu as diretrizes da Resolução CNS 466/12 e o Código de Conduta do CNPq. Resultados: Modelos de Machine Learning alcançaram até 80% de precisão na predição de recaídas psicóticas, especialmente quando associados à supervisão humana (Human-in-the-loop), evidenciando maior segurança na tomada de decisão clínica. Contudo, a ausência de transparência nos algoritmos, a reprodução de vieses estruturais e a vulnerabilidade de dados sensíveis foram identificadas como "falhas latentes", exigindo a implementação de barreiras de segurança institucionais e protocolos robustos para prevenir iatrogenias digitais. Conclusão: A tecnologia deve atuar como suporte à decisão clínica, sem substituir o julgamento profissional, estando subordinada ao Código de Conduta do CNPq e a princípios éticos. A segurança do paciente na saúde mental digital depende de uma governança proativa, capaz de minimizar vieses tecnológicos, proteger dados sensíveis e preservar a autonomia e a dignidade do indivíduo.

Palavras-chave: inteligência artificial; saúde mental; segurança do paciente; ética em saúde.